

26 Brasília, quinta-feira,
10 de setembro de 1987

"A intenção é resgatar o fenômeno literário, o prazer do texto. A literatura que é profundamente subversiva hoje está confinada ao espaço restrito das escolas"

SANDRA SOUZA CARMO Professora da Universidade de Brasília

UnB e INL começam hoje a discutir o tema Literatura e Leitura: Questões do Educador. O nome é pomposo mas o assunto diz respeito a todos os mortais a começar pelas crianças que as editoras descobriram como o grande público leitor-comprador deste país de analfabetos. Mas o que elas estariam lendo? E o que significa essa literatura num País que tem 10 milhões de crianças fora das escolas? Algumas respostas começam a ser dadas hoje a partir das 19:30 no anfiteatro 13 da Universidade de Brasília.



Educadores pedem a volta da subversão à literatura

CARMEM MORETZSOHN
Da Editoria de Cultura

Até que ponto o processo acadêmico está sufocando o prazer do leitor? Como contornar o alto índice de analfabetismo no País, levando as pessoas a construir sua própria trajetória política e social através do contato com a literatura? Estas são algumas das questões que serão levantadas durante o curso **Literatura e Leitura: Questões do Educador**. A atividade, que está sendo realizada pelo Decanato de Extensão da Universidade de Brasília — através do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação —, terá conferências, círculos de estudo e análise de textos considerados infantilo-juvenis. As matrículas já estão abertas e podem ser feitas na Faculdade de Educação da UnB.

Literatura e Leitura: Questões do Educador trará a Brasília os maiores especialistas e pesquisadores do gênero, como Eliana Yunes, Edmir Perrotti e Fúlvio Rosenberg, num total de oito conferencistas que se revezarão — de 15 em 15 dias — em palestras abertas ao público. Os temas variam desde **Literatura Infantil e Público Leitor** até **O Discurso Utilitário**, **Discurso Estético**, passando pela apresentação de questões como **Literatura Infanto Juvenil e Ideologia** e **O Real e O Imaginário nos Contos de Fada**. A primeira conferência será a partir das 19h30 de hoje, no Anfiteatro 13 da UnB. Em foco, **Literatura Infantil e Educação**, nas palavras de quem mais entende do assunto: Maria Antonieta Cunha, professora da Universidade Federal de Minas Gerais.

O curso recebeu o apoio da OEA (Organização dos Estados Americanos) e por isso cobra apenas uma taxa simbólica para a inscrição: Cz\$ 100,00. A coordenação é da professora Sandra Souza Carmo.

...

— O que se pretende atingir com este curso?

Sandra — A intenção é resgatar o fenômeno literário, o prazer do texto. A literatura é profundamente subversiva, trabalha com a concepção do mundo, e hoje está sendo confinada ao espaço restrito das escolas. É preciso retomar o fenômeno literário como processo de criação, principalmente sobre a literatura infantil, onde há hegemonia do processo de produção. É necessário resgatar o prazer do texto. Porque o livro didático acaba entrando pelo caminho

da censura da escola e do professor; que decidem qual a faixa etária de cada livro, quando a própria criança é quem deveria descobrir a sua trajetória. A arte, a literatura existem para decifrar fenômenos, para capturar os fenômenos ocultos.

— Talvez porque exista uma tradição de perpetuar, através da literatura, os valores da sociedade.

Sandra — A literatura reproduz a opressão dos adultos. E como se a criança tivesse sempre que ser educada firmemente. Parece que existe uma tradição de utilização da arte como elemento de disciplina. Talvez isso aconteça não por medo, mas por desconhecimento mesmo. Os professores não têm muito tempo. Mas, se falta o básico, que é o texto, como a criança vai poder construir a sua própria trajetória? Ler deveria ser um ato de liberdade interna para haver emancipação. Quanto mais o acesso aos livros é feito pela benesse da superestrutura administrativa (que fornece os volumes), quanto mais essa liberdade de questionamento irá sendo minada. É uma questão de opção da criança ler ou não, mas as escolas não têm condições de agüentar esse fervilhar de emoções, esse passeio pelo inusitado. É preciso trabalhar a literatura infantil dentro de um problema maior, dentro do analfabetismo e do acesso aos bens de produção.

— E como se contornaria esse problema junto aos analfabetos?

Sandra — No Brasil, existem 10 milhões de crianças fora das escolas e, para piorar, o livro é sacralizado pela cultura dominante. O código impresso está sendo sacralizado como de acesso aos alfabetizados. Mesmo assim, seria possível ler para as pessoas para que elas também possam construir sua história. O livro é ainda um objeto muito distante das massas. No entanto, seria necessário que as pessoas conhecessem quais as formas de se construir o texto para que construíssem seu próprio enredo político e social. O que o livro contém e a trajetória que ele traz já é uma revolução interna, uma subversão de poder. Se o analfabeto — mesmo através da leitura de terceiros — se tornou um leitor, já provou a liberdade interna.

— E no caso da leitura dentro das escolas? Como alcançar essa liberdade?

Sandra — E como se o livro fosse obrigatório para a pessoa ser culta. A própria arbitrariedade já mata a liberdade interna. Obrigar uma criança a ler qualquer livro indicado é uma

tortura feita com sutileza. A pessoa tem que ter a liberdade para dizer o que quer e o que não quer ler. Senão, estaremos formando hábito de consumo de leitura e não leitores. O que se está formando é o primeiro leitor, chamado de linear, e não aquele que trabalha a questão questionadora da arte, que busca os anseios de liberdade, de desejo, traços próprios da natureza humana. Por que reduzir o livro a um instrumento de ensino? Isso acaba gerando um processo aversivo geral, porque está se usando condicionamento operante para a arte! E preciso ter mais respeito com a obra de arte.

— Como solucionar, na prática, esse problema?

Sandra — Criando espaços psicológicos de liberdade, deixando que as crianças escolham o momento e a obra que desejam ler. E, depois, é possível perceber que o discurso fica mais rico de referenciais e as crianças começam a ver o mundo de outra forma. Então, por que cobrar isso de forma acadêmica direta; exigindo dos alunos leitura e interpretação de livros na hora determinada pelos professores? As vezes, o que se aprende num livro só vai ser percebido meses depois, com a prática cotidiana mesmo, num momento qualquer em que o que a pessoa leu vem à tona.

— Mas a falta do prazer na leitura não é também um problema da educação familiar?

Sandra — As discussões devem ser inseridas dentro de um processo histórico maior. Os pais de hoje são capazes de comprar uma boneca de Cz\$ 4 mil e nunca um livro para seus filhos. Porque há uma relação de poder dentro do texto que pode ser desmistificada pela criança. As vezes, a criança lê dez, quinze vezes o mesmo texto e sai buscando coisas novas. Então, por que não dar boas opções para as crianças? Os adultos acreditam que criança aceita quase tudo, até aqueles programas idiotas da televisão. Mas o que acontece é que a criança consegue encontrar um espaço interno e superar a mediocridade. O mérito é do ser humano mesmo, então, por que transformar a arte num cenário? Por que fechar o acesso das pessoas ao prazer da leitura?

— Só que, muitas vezes, o próprio livro mantém essa estrutura de dominação, com mensagens maniqueístas, de obediência cega.

Sandra — Nós vamos discutir também a parte ideológica. O por que de se transformar a literatura em instrumento de disciplina, de conduta social. O ma-

niqueísmo acaba gerando um processo de autopunição terrível na criança, que não se identifica totalmente nem com o bonzinho da estória, nem com o ruim. A obra de arte tem que ser contraditória e não linear, para que crie questionamentos nas pessoas. Tanto a literatura infantil impressa quanto os brinquedos têm suas raízes na burguesia e em suas mensagens de harmonia social, de esforço próprio onde nada deve ser comunitário, e a coisa flui como se a criança fosse apenas ingênua.

— Como transformar essa metodologia opressora?

Sandra — A gente não tem que criar modelos mas mudar o caráter das coisas, subverter as relações de poder. O que acontece com as metodologias é que os professores não esperam que a leitura seja colocada como prova da realidade. A conquista de uma coisa como o prazer pela leitura é muito sutil. Como transformar isso numa tarefa política? É preciso deixar o aluno gestar aquilo que leu e utilizar no momento em que sinta necessidade. A leitura tem que deixar lacunas, sugerir o suspense para que a resposta seja buscada no cotidiano.

— E, mais especificamente, com relação à literatura infantil?

Sandra — Tem que se tirar da literatura infantil a conotação de gênero menor, dar o devido valor a um dos gêneros mais importantes da literatura. Tirar o ranço de que criança aceita tudo e resgatar o poder criativo que existe dentro do leitor, nunca se esquecendo que isso está dentro de um processo histórico maior. O curso pretende manter uma atmosfera não só de resgate ao fenômeno literário como também um espaço de reflexão sobre o que está sendo feito nas escolas com as obras de arte.

O curso **Literatura e Leitura: Questões do Educador** — terá três momentos distintos. No primeiro, um ciclo com oito conferências que acontecerão quinzenalmente (a partir de hoje), no anfiteatro 13 da UnB, sempre às 19h30. Simultaneamente (e também até o dia nove de dezembro) haverá círculos de estudos (análise de textos de estudiosos e pesquisadores do gênero, com atividades práticas), na Biblioteca Demonstrativa do INL — 704/5 Norte — sempre às quarta-feiras, também às 19h30. Por fim, a **Sintaxe de Leitura Transitiva** (para análise de textos literários do gênero, atividades práticas, seleção e tratamento da matéria literária em questão), que terá início no próximo dia 17, na Biblioteca Demonstrativa do INL, às 19h30.